

A FÓRMULA DO ITINERÁRIO RUMO AO SIGNIFICADO DA REALIDADE

VIVER *Intensamente* O REAL

Vamos supor que nascemos, que saímos do seio materno, com a idade que temos agora, quanto ao desenvolvimento e à consciência que agora podemos ter. **Qual seria o primeiro, o absolutamente primeiro sentimento, ou seja, o primeiro factor da reacção perante o real?** Se eu abrisse pela primeira vez os olhos neste instante, saindo do seio materno, seria dominado pela **maravilha** e pelo **espanto** diante das coisas, como por uma “presença”.

ASSALTADO PELO GOLPE. Ficaria assaltado pelo golpe estupefacto de uma presença que o vocabulário corrente exprime na palavra “coisa”. As coisas! Que “coisa”! O que é uma versão concreta e, se quiserdes, banal, da palavra “ser”. O *ser*, não como entidade abstracta, mas como presença, uma presença que não é produzida por mim, uma presença que encontro, uma presença que me é imposta. Neste momento, eu, se estiver atento, isto é, se for maduro, não posso negar que a evidência maior e mais profunda que de que me apercebo é que eu *não me faço a mim próprio*, não me estou a fazer por mim. Não me dou o ser; não me dou a realidade que sou, sou “dado”. É o instante adulto da descoberta de mim próprio como dependente de qualquer coisa de outro.

A alegria desperta em mim, cada manhã.

Luigi Giussani

NO EMBATE COM O REAL. A experiência daquela implicação oculta, daquela presença arcana, misteriosa no interior dos olhos que se abrem diante das coisas, dentro da atracção que as coisas despertam, dentro da beleza, dentro do espanto cheio de gratidão, de conforto, de esperança, como poderá esta experiência ser vivida, esta complexa e no entanto simples experiência, esta experiência riquíssima de que é formado o coração do homem? Como poderá ela tornar-se poderosa? *No embate com o real.* A condição única para ser sempre e verdadeiramente religioso é viver sempre intensamente o real. A fórmula do itinerário para o significado da realidade é **viver o real sem cortes**, ou seja, sem negar ou esquecer coisa alguma.

(GIUSSANI, Luigi. *O sentido religioso*. Lisboa, Verbo, 2008)

Mistério eterno Do nosso ser.
Ó natureza humana,
Se em tudo és frágil, vil,
Se és pó e sombra,
Como no alto vagas?

G. Leopardi

